

*front* egípcio, trouxe a realidade violenta da guerra mais próxima dos *chaverim*, que ficaram profundamente abalados com a tragédia da primeira perda de um companheiro de Bror Chail em combate.<sup>111</sup>

Israel seria um país perfeito para a reunião dos judeus e sua normalização histórica. Sem discriminações sociais, étnicas e de origem, sem desigualdades acentuadas e *patologias sociais*, marcado por valores éticos, Israel abrigaria uma sociedade diferenciada, com uma profunda *noção missionária*.

### 3.10. Um kibutz em Jundiaí: a Hachshará

Mais que uma comuna de trabalho, produção e consumo, a Hachshará foi concebida como um instrumento educacional. Seu objetivo era tornar-se um local de qualificação técnico-profissional, complementação ideológica, estudo do hebraico e vivência do coletivismo integral. Seu fruto mais importante: indivíduos preparados para a vida no kibutz, a participação política em Israel e a luta pela sociedade socialista.<sup>112</sup>

Ainda antes de sua inauguração oficial, no início de 1949, alimentava esperanças de ser um local onde as pessoas aprenderiam a colocar a segurança e o bem estar dos companheiros acima de tudo e a olhar com confiança de vencedores para o futuro que as aguardava. Além do preparo para o trabalho cotidiano, esperava-se o amadurecimento do espírito para a vida fraternal e revolucionária em Israel.<sup>113</sup>

No momento adequado, os *chaverim* uniam-se os companheiros de várias cidades no mesmo estágio de militância, formando um *garin*, e entravam em grupo no kibutz de preparação Ein Dorot depois de passarem por exame médico e dentário. Os *garinim* seguiam uma seqüência; quando uma parte do grupo anterior emigrava, o seguinte já podia ingressar na Hachshará, receber as orientações e usufruir da experiência dos companheiros que ficavam mais um pouco, garantindo assim a continuidade dos trabalhos.

O primeiro grupo ingressou na Hachshará sem qualquer experiência e sem muita idéia de por onde começar a não ser uma vaga noção de como seria um kibutz. O que sobrava em disposição e idealismo faltava em conhecimentos agrícolas. Enfrentou problemas com o terreno, em parte uma várzea sujeita à inundação em época de chuvas, em parte terras elevadas pobres para o cultivo. As formigas atacavam com freqüência as plantações comprometendo a produção. A água, como descobriu-se mais tarde, estava contaminada. O *chaverim* construíram um estábulo (um espaço subaproveitado durante quase 3 anos por falta de animais). As primeiras habitações, simples casebres de barro cobertos com sapé, tiveram que ser substituídas rapidamente por construções um pouco melhores. Nos alojamentos, rapazes e moças solteiros dormiam separados, três ou quatro em cada quarto, os casais ficavam juntos. Os banheiros eram do lado de fora, os chuveiros só tinham água fria. Os 40 *chaverim* desse grupo recebiam ajuda dos habitantes dos sítios vizinhos, de um agrônomo judeu de São Paulo e mais tarde de Senda, um japonês com experiência agrícola que se tornou instrutor na Hachshará (anos depois, emigrou para Bror Chail como *chaver* do Movimento). Optou-se então pelo sistema de ausência completa de propriedade privada (depois incorporado aos Estatutos de Ein Dorot e adotado pelos outros *garinim*) como a melhor forma de preparação para o espírito da vida coletiva. Os enxovais e bens trazidos pelos jovens, os utensílios diversos, os livros, os móveis... tudo passava a pertencer a todos.<sup>114</sup>

Todas as nossas roupas foram entregues ao depósito central e distribuídas semanalmente à revelia... por exemplo, o meu [futuro] marido, que era miudinho, trouxe cuecas pequenas que acabavam vestido rapazes maiores... (era um absurdo! [risos]). Durante o dia você ria muito ao reconhecer suas blusas nas outras moças... [4]

Em meados de 1950, após a partida do primeiro *garin* e preparando-se para receber o terceiro, Ein Dorot dedicava-se ao cultivo de frutas e hortaliças (irrigadas por canais e postas à venda, duas vezes por semana, no mercado de Jundiaí), à criação de galinhas (ainda para consumo próprio) e algumas poucas vacas leiteiras e à marcenaria. Sob a orientação de um *shliach* de Israel, planejava a colheita de uvas, a ampliação da capacidade do galinheiro de 70 para 400 pintos e a criação de abelhas para a obtenção de mel. Seus *chaverim* recebiam, dentro do kibutz experimental, cursos de horticultura e fruticultura. Alguns foram enviados para escolas agrícolas em Jacareí e Ribeirão Preto para aprender mais sobre galinhas, enquanto outros procuravam conhecer os mistérios da fabricação de pães ou de sapatos nas cidadezinhas próximas.<sup>115</sup> Na distribuição de tarefas, Ein Dorot oscilava entre a necessidade de *chaverim* melhor preparados para determinados trabalhos agrícolas e artesanais e a exigência igualmente forte do rodízio de pessoas na dedicação aos diversos ramos produtivos, o que se justificava em termos ideológicos, mas nem sempre de racionalidade econômica. Procurava-se elaborar e cumprir planos econômicos de prazos mais longos que o período de passagem de um ou dois *garinim*<sup>116</sup> (talvez por influência da *economia planejada* dos países socialistas).

Nessa época, também foram aprovados os Estatutos do Kibutz Hachshará Ein Dorot segundo os quais ficava oficialmente definido que os instrumentos de produção seriam explorados para o coletivo à base da capacidade e das necessidades de cada um. Além de preparar o indivíduo para a vida kibutziana, a Hachshará procuraria atingir a auto-suficiência econômica a fim de permitir a ampliação de seus ramos produtivos e o aperfeiçoamento material de suas instalações. Assim, estava implícita a necessidade e a cobrança da maior rentabilidade do trabalho de cada um; o trabalho seria realizado de acordo com as possibilidades pessoais sim, mas baseado também na disciplina existente no coletivo como decorrência dos ideais defendidos. O dia de trabalho comum seria de 8 a 9 horas; na época de colheita, por exemplo, o tempo dedicado ao trabalho seria obviamente muito maior. Sábado seria dia de descanso em todas as tarefas que pudessem ser interrompidas. O trabalho na Hachshará serviria tanto para a capacitação do indivíduo quanto para o sustento dos *chaverim*, entretanto sua importância maior não estaria no desenvolvimento da atividade em si e sim no *conteúdo social* que representa: *a base concreta para o cumprimento da idéia revolucionária* do Movimento. A igualdade de direitos e deveres de todos os *chaverim* e a direção democrática eram princípios do Kibutz Hachshará que conferia direito de voto a todos nas assembléias e se propunha a atendê-los em suas necessidades (alimentação, habitação, vestuários, higiene) sob base da igualdade kibutziana nos limites das possibilidades coletivas. O Kibutz Hachshará procuraria responder aos interesses culturais dos *chaverim* mantendo uma biblioteca, organizando atividades musicais, teatrais e intelectuais, proporcionando condições para o estudo do hebraico e concedendo aos artistas atenções e horários especiais para o desenvolvimento de seus talentos.<sup>117</sup>

Nem todas as expectativas eram realizadas, nem todos os planos se cumpriam. Nos

relatórios enviados ao Movimento, são freqüentes as queixas dos desastres causados pela falta de qualificação dos *chaverim* para as atividades produtivas, dos ramos prejudicados porque alguém ficou doente ou teve de se ausentar, dos planejamentos econômicos frustrados (a auto-suficiência nunca saiu do papel e a Hachshará sempre teve de ser subsidiada), dos contratemplos decorrentes dos caprichos da natureza, das dificuldades de se fazer uma boa transição entre a *aliá* de um grupo e a entrada de um outro, inexperiente, atrasando plantios, prejudicando colheitas, desativando setores produtivos. Comparando com sítios vizinhos, a produtividade de Ein Dorot, apesar de contar com um número muito maior de braços, era muito mais baixa.<sup>118</sup> Entretanto, embora a agricultura praticada na Hachshará fosse rudimentar e pouco do aprendido lá pudesse ser aplicado em Israel, pelo menos os jovens adquiriam uma certa experiência no contato com a terra, o trabalho braçal e as forças naturais.

As chamadas questões de *chevrá*, ou seja os problemas nas relações coletivas e as dificuldades que impedem a harmonia entre grupo e indivíduo, ocorriam em um grau bem acima do desejado, provocando disputas e desentendimentos e fazendo com que vozes preocupadas com a continuidade do Movimento se erguessem na defesa de um maior preparo ideológico dos *chaverim*.<sup>119</sup>

Na Hachshará, a orientação coletivista do Movimento era acentuada, os interesses individuais eram freqüentemente sacrificados em função do coletivo (até as roupas de baixo eram coletivas!), questões íntimas e pessoais eram comumente expostas e discutidas em assembléias, na tentativa de estreitar as relações mútuas, e havia uma forte cobrança para que as pessoas não se afastassem do grupo em seus momentos de descanso e lazer. (Ao chegarem em Israel, muitos reconheceram que as idéias que moviam tais comportamentos na Hachshará - especialmente nos primeiros *garinim* -, praticamente *negando a individualidade*, há muito haviam sido abandonadas nos *kibutzim* veteranos: *eram um erro de perspectiva, românticas, mas insustentáveis na vida real*.<sup>120</sup>) Vários dizem ter sofrido com o coletivismo rigoroso, enquanto outros afirmam ter convivido mais tranqüilamente com tal esquema por achar que *assim era o certo*, e que, para ajustar-se, *bastava empenho*.

Os obstáculos à adequação dos corpos “de estudantes, filhos de classe média” ao regime de trabalho pesado e às exigências da vida rústica no campo desafiavam a saúde e, principalmente, a autoconfiança dos *chaverim*. Quem passava por eles, conseguindo manter acesa a chama ideológica que o movia, acreditava estar vivendo uma verdadeira revolução pessoal.

(...) o que aprendemos não foi pouco. (...) Todos os nossos belos princípios não eram suficientes por si só na experiência do dia a dia (...) para o primeiro grupo, verde ainda, a Hachshará foi uma revolução do primeiro ao último dia. A revolução do trabalho, da vida social... [Sigue Friesel. *Kibutz Bror Chail*: Jerusalém. Departamento da Juventude e do Chalutz da Organização Sionista Mundial, 1956].

Pode parecer besteira o que eu vou falar, mas... aquele foi um momento em que todo mundo ficou bacana. É como se todo mundo ficasse bonito de repente, de dentro de cada um veio o que tinha de melhor. (É uma coisa meio impressionante... era tudo de uma pureza nessa época!) (...) A Hachshará era um período importante, porque lá tinha uma rotina de trabalho que tentava imitar aquela que seria no kibutz... E você fazia todos os tipos de serviço, trabalhava pesado. A gente não estava acostumado com o trabalho pesado... muitas vezes saía sangue das mãos, formavam-se calos... Baqueava ficar capinando debaixo do sol por quatro horas. Era um momento de desafio... e, aí, a gente já sentia que estava vivendo já uma coisa [próxima ao ideal do chalutz]... (e era uma grande farra também...). [23]

As dificuldades cotidianas de adaptação ao trabalho braçal e à vida coletiva eram freqüentemente agravadas pelas doenças que debilitavam os *chaverim*. A quase totalidade do terceiro *garin*, por exemplo, foi atacada pela amebíase semanas após seu ingresso na Hachshará<sup>121</sup>. (A água tornou-se potável apenas depois da construção de um segundo poço e de uma estação de tratamento por processos químicos.)<sup>122</sup> Além disso, surgiam muitos problemas decorrentes provavelmente de *stress* emocional, esgotamento físico e má alimentação.

Na Hachshará, era tudo muito primitivo, muito provisório, muito improdutivo. O pessoal não tinha treino agrícola nenhum. Lá, as pessoas viviam mal (um fenômeno que se nota como médico), era impressionante os números de úlceras que estouravam lá... embora dissessem que era por causa da água, que era ácida, eu tenho minhas dúvidas... acho que era um fenômeno decorrente da "força de barra", porque gente que está acostumado a um modo de vida e de repente passa para outro [sofre uma mudança violenta]... não é brincadeira. (...) Eu já estava me distanciando. Estava começando a duvidar. Já no tempo em que eu freqüentava a Hachshará nos fins de semana, eu achava que aquilo não era para mim... eu pensava ainda que o kibutz, pelo menos o kibutz, não teria a provisoriedade de uma hachshará... [5]

Sobre a Hachshará, eu ouvi, depois, comentários de que a preparação no Brasil era tão mal estruturada, com o desconforto como sinônimo de preparo, que as pessoas iam para Israel já estouradas. [28]

O Shabat continuava a ser comemorado e os grupos mais animados ainda encontravam energias para dançar e cantar às noites em volta de fogueiras, agora, freqüentemente, em companhia das crianças de rostinho amarelo, pardo ou branco, filhos dos moradores da região.<sup>123</sup>

[Na Hachshará continuavam as discussões ideológicas e debates do Movimento], mas bem menos. Eu nem me lembro muito disso, porque isso passou a vir em segundo lugar. A vida do cotidiano e a situação lá, do que estava acontecendo, a tal Comuna, é que passaram a ser importantes... as brigas com os companheiros por causa de "quem está no tal quarto" ou "não pode tal quarto", "o problema da camisa: por que é que a camisa tal vai para tal?"... ou "por que é que o Júlio e o Davi têm que ficar juntos no mesmo quarto em vez de o Júlio ficar num e o Davi no outro?". Enfim, o cotidiano passava a ganhar relevo. [9]

Com muito trabalho por fazer e preocupações prosaicas ocupando as mentes, não é de se estranhar a distância entre as expectativas de envolvimento político, aprendizado de hebraico e realização de atividades culturais e a prática cotidiana dos *chaverim* apontando para a rotinização das atividades, a diminuição da freqüência dos estudos, das discussões teóricas e políticas e da motivação para participar de teatros, corais ou jornais de parede. Toda a "vida cultural" mantida no tempo de Movimento na cidade também não podia ser a mesma na fazenda.

Com o tempo, boa parte da vida material da Hachshará foi melhorando graças à aquisição de ferramentas, máquinas e animais, o aumento das instalações sanitárias e valetas, às novas edificações, entretanto, em termos econômicos, a evolução nem sempre foi linear, houve grupos que, ao chegar, tiveram que, por exemplo, reconstruir ramos abandonados ou recuperar plantações deficitárias. As prioridades também variavam ao longo do tempo, da uva para os tomates, os morangos, as cebolas...

Melhor que listar (e de maneira incompleta, devido à deficiência das fontes) os avanços e recuos dos ramos produtivos da Hachshará, é dar voz a alguns depoimentos selecionados que tratam do cotidiano de trabalho e vida coletiva em Ein Dorot, com suas memoráveis noites frias...

### **primeiro garin (1949-50):**

Todos éramos sérios demais (faltou talvez uma certa alegria), os problemas do mundo estavam em nossas mãos. Mas, mesmo sem uma alegria exuberante, havia alguma diversão. (...) Constituímos o primeiro garin para aliá com pessoas do Rio, Rio Grande do Sul, São Paulo, umas 40 pessoas... e, em 1949, fomos para a Hachshará (...)

Lá, tudo era coletivo (acho que não existia nem em Israel, nem no Hashomer, algo tão coletivo quanto a nossa Hachshará) (...) Era bem radical. (Nem sei com base em quê nós organizamos a nossa Hachshará daquele jeito, talvez com base numa idéia implantar um extremo igualitarismo...). (...)

A vida na Hachshará era como no kibutz só que com muito mais dificuldades materiais e rigor (não sabíamos que éramos mais rigorosos que os kibutzim em Israel. Só viemos a descobrir quando chegamos lá)... era o rigor na simplicidade, no esquema de trabalho...

A vida era muito bem organizada. Orientados por um shliach de Israel, [criamos lá] um verdadeiro mini-kibutz. Levantávamos cedo e seguíamos para o trabalho distribuído previamente por um membro do secretariado. Para o trabalho no campo, contávamos com a colaboração de um japonês, um ótimo agricultor, que nos ensinava... [O trabalho] na cozinha, na lavanderia... era dividido entre rapazes e moças em [esquema de] igualdade.

Em todo o [tempo do] Movimento eu sempre fui muito participante e muito ativa. Na Hachshará, eu dava aulas de hebraico, como atividades extras ao meu trabalho no campo. Eu tinha fama de má cozinheira, portanto, dificilmente me mandavam para a cozinha. (...) Eu também fazia parte da comissão cultural.

Normalmente, todos trabalhavam o dia todo e, à noite, dedicavam seu tempo às aulas de hebraico, palestras e concertos de música clássica em discos... ouvíamos discos, tínhamos aulas, [fazíamos] atividades sempre... ainda estávamos nessa fase de dançar e cantar...

A vida coletiva (usar roupas comuns, conviver todo o tempo com os companheiros etc.) se desenvolvia bem (bem até demais! É impressionante como funcionava bem!). E a gente mesmo observava que ela não tirava a feminilidade de ninguém: havia moças que mantiam suas características femininas, umas eram mais vaidosas, com jeito para arrumar um lenço ou se enfeitar... Vimos que as pessoas, em geral, mantinham suas características... e a gente analisava e via que isso não era tão terrível, que não tinha tanta importância, não era uma ameaça. Tudo era idealizado, mas também muito analisado. (...)

Tudo era socializado, até os livros. Cada um tinha uma dificuldade em socializar algo. Eu não tinha problema em colocar meus vestidos em comum, mas com os livros sim! Havia meninas que gostavam de uma determinada blusa e que não a punham de jeito nenhum lá junto com as outras. Cada um era apegado a alguma coisa..., afinal de contas já tínhamos personalidades formadas, mas [isso não significava] nenhuma atitude que rompesse muito com tudo em que acreditávamos... Acho que esse esquema todo foi possível, porque, acima de tudo, havia laços de amizade entre nós. Não havia autoridade, eram todos da mesma faixa etária, todos eram amigos, namorados, companheiros... (...)

Não havia problemas em namorar na Hachshará. Havia namoros e espaços para intimidade e relacionamentos mais privativos, sem dúvida. (...) [E o peso do coletivo?] Não era um problema... mas, naturalmente, acabávamos sempre todos juntos... quando terminava uma aula ou conferência, íamos ver as estrelas... A natureza lá era belíssima. Jovens criados na cidade eram muito influenciados pelo contato com a natureza, havia toda uma aura romântica...e, mesmo nas amizades, havia romantismo. E não havia muitas cobranças não. Acho que havia sim uma relação amistosa, um espírito de dedicação ao outro e relações de amizade muito fortes para comprovar isso. É claro que não eram todos super amigos de todos os 40, (...) mas [a coletivização não oprimia nem tirava a individualidade de ninguém], ninguém ficava revoltado e o clima de convivência era muito amistoso. (...)

la-se muito pouco para São Paulo; só por problemas médicos. Os familiares faziam visitas, mas não nos atrapalhavam. [6]

Fui para a Hachshará quando ela foi fundada, em 1949, com 22 anos, onde trabalhei por um ano com pessoas vindas de outros estados do Brasil. (...)

Quando minha mãe vinha me visitar na Hachshará, ficava doente ao me ver completamente queimada de sol, descabelada, a própria chalutzá. (...)

Nós éramos alegres (mesmo com todos os problemas e preocupações). Guardo ótimas recordações das noites dançando hora em volta da fogueira, dos papos, do trabalho de pisar na uva, das gritarias, das fofocas... (Eu sinto que tive uma juventude privilegiada e muito poucas jovens passam por uma experiência tão maravilhosa, mesmo com todas as suas decepções posteriores). (...)

Na Hachshará era coletivismo geral (exagerado, ridículo)... Tudo de sua bagagem era entregue e misturado. (...) O que sobrava de individualismo? A personalidade de cada um. (...)

Se alguém questionou de fato algo na época, com certeza, foi abafado pelo conjunto. Havia uma unanimidade quase que ditatorial (não era uma concordância pura e simples, senão, por que fazer assembléias de noites inteiras?). (...)

Todas as decisões eram tomadas pelas assembléias. Desde o momento em que você punha os pés na Hachshará, já passava a participar de uma vida comunitária. Como num kibutz. (...) Trabalhávamos o dia todo e, à noite, assembléias que varavam a madrugada. Nada era decidido sem assembléia. Até a sua vida pessoal era discutida. Por exemplo, para pedir licença para visitar a mãe com câncer no hospital, era preciso declarar qual era o problema, faziam-se eleições para [aprovar ou não a saída] e estabeleciam-se prazos rígidos [para a volta]. Nas discussões para ver quem tinha prioridade na partida para Israel, toda sua vida era esmiuçada, inclusive em questões íntimas. Você não se pertencia mais e sim ao que a Assembléia decidia... [Nessa situação,] eu chorava incomodada com os olhares (...) Eu chorava sem parar diante da exposição pública de meus sentimentos e incertezas [em questões de namoro, no caso] (...).

Em geral, eu participava muito pouco dos debates. Eram tantos o "gênios", tantas as cabeças lá (...) que eu não tinha vez. (...) eu tinha medo de abrir a boca, porque eles eram "intelectuais" e irônicos. E eu me sentia muito deslocada e me anulei, nunca mais fui a mesma, nunca mais fui capaz de falar numa reunião. [4]

### **terceiro garin (1950-51)**

Eu entrei na Hachshará junto com o Carabina [Samuel Karabtchevsky], o Davi [Perlov]... As pessoas estavam com a idade de mais ou menos 20 anos. (...) No meu tempo, o maskir lá do kibutz era o Carabina, (...) o chefe da Hachshará e o Davi era meu companheiro de quarto... Nós dois éramos as vítimas do Carabina, que era um "sargento" e tinha uma especial predileção por nos acordar de manhã cedo, às cinco horas da manhã, para a gente cortar lenha e preparar a cozinha. (...)

Primeiro, já de cara, você era premiado, por ser recém chegado, com o trabalho na cozinha (o trabalho mais chato que existe!). A cozinha começa às cinco da manhã, quando está escuro... você precisa cortar lenha para fazer fogo e preparar café com leite... A atividade na cozinha vai de manhã até à noite, quando termina tudo... depois de ajudar a fazer a comida, lavar as panelas, limpar, servir... (um trabalho insano, ingrato, pouco criativo e desagradável, embora divertido, porque também permite encontrar as pessoas e fazer uma "zona").

Depois disso, eu fui, como tudo mundo, trabalhar no campo. A gente plantava e colhia tomates, drenava as valas... O Senda (um japonês maravilhoso que acabou secretário da Embaixada japonesa lá em Israel) era nosso instrutor de campo e de judô (...) Posteriormente, eu trabalhei de pedreiro... juntamente com o Davi Perlov, o Américo Plut e outros levantamos alguns banheiros.

(...) trabalhei [em coisas assim] até que apareceu a história dos laticínios... Havia uma desnatadeira na Hachshará, era preciso um voluntário para cuidar dos laticínios e eu me candidatei... De manhã, eu pegava carona com o cara do caminhão e recolhia leite na vizinhança

para a gente desnatar e fazer manteiga, soro, coalho e queijo. Então, eu passei a ficar lá na desnatadeira sozinho, trabalhando individualmente... vivendo uma situação meio chapliniana, porque havia uma campainha que tocava se eu não mantivesse o ritmo certo, aí eu tinha que acertar o passo. Esse negócio me deixava meio psicótico. Mas eu aprendi. Eu havia me oferecido para sair do trabalho na terra. Com a desnatadeira, trabalhava na sombra. (Trabalhar de pedreiro ou no campo, no sol, é chato "para burro", você não imagina como é cansativo; embora, quando se é jovem, acaba, toma um banho e, tudo bem, você está pronto para namorar de noite numa boa, ainda mais sob o céu estrelado...). Nos laticínios, eu ficava de avental branco, limpo. Eu organizei tudo e aquilo parecia um laboratório (já era uma espécie de subproduto da minha ex-vocação médica). O queijo a gente vendia (não dava muito mais que dois ou três por dia), a manteiga era para consumo próprio, o soro servia para os animais. (...) Então eu comecei, seriamente, a ler o material que vinha da Secretaria de Agricultura sobre laticínios e planejava fazer um estágio na Água Branca para aprender a fazer queijos de mais qualidade... (...)

Estando na Hachshará, eu comecei a me convencer de que a vida kibutziana para mim não seria uma coisa definitiva, apesar do envolvimento com os laticínios. Não pelo trabalho físico, mas por sentir que aquilo não era realmente o meu anseio (...) Eu gostava da idéia da Comuna, da justiça social... eu queria tudo aquilo, mas queria continuar levando uma vida urbana, mais intelectualizada e com um outro tipo de profissão. (...). Sentia que chegaria uma certa hora em que eu provavelmente sairia do kibutz e, então, como seria? (...) (a gente já tinha ouvido falar de um ou outro que saiu do kibutz com uma mão na frente e a outra atrás, especializado em uma atividade que servia para o campo, mas raramente para a cidade... num país difícil, pioneiro, que estava começando ainda sua construção, com uma aliá recém chegada de refugiados de campos de concentração e o início da imigração vinda dos países árabes...) (...) Então comecei a pensar que meus pais talvez tivessem razão [e eu devesse voltar a estudar Medicina...] [9]

Quando eu fui para a Hachshará, estava com 18 anos. Comprei meu enxoval: calças caqui de trabalho, macacões, pulôver do tipo da marinha, botinas, camisetas etc., conforme uma lista mínima... tudo isso e mais as outras roupas que levávamos acabavam coletivizadas. (...)

Antes de entrar, tínhamos que fazer um exame médico. Logo que entrei, não pude pegar imediatamente no pesado, pois estava me recuperando de uma operação, fui para a carpintaria. Tínhamos uma carpintaria grande (que era dirigida por um senhor judeu vindo do Paraná fabricante de móveis que também estava indo para Israel) onde fazíamos móveis para nós e até para vender. Adorei a carpintaria. Fiz também todo o percurso dos trabalhos de cozinha, limpeza... Desde as machanot, nós sabíamos que passaríamos por todos os serviços... Quem preparava o café para todos tinha de acordar às 4 horas da manhã e passava muito frio... Depois, como eu tinha experiência com tratores, fui arar a terra com o pequeno trator manual que nós tínhamos. Nessa época, Jundiaí começou a produzir morangos e nós também plantávamos para vender. Espantávamos os pássaros com tiros de uma espingarda antiga (o primeiro conto que escrevi foi sobre um espantalho). Também dirigi o nosso caminhão, apesar de não ter carteira de motorista, para levar leite a lugares próximos. (...)

Comíamos muito e muito bem no café da manhã. (...)

Às sextas feiras, nós recebíamos uma sacola com nossa roupa da semana toda (cuecas, roupa de trabalho, pijama, uma roupa para usar sexta, sábado e todas as noites). Minha prima, que tinha problemas de coluna e não podia fazer esforço físico, cuidava do "armazém" e, a meu pedido, dava um jeito de me dar as minhas próprias roupas, especialmente uma camisa xadrezinha de que eu tanto gostava.(...)

Quando fui viver a experiência coletivista percebi que ela era, para mim, muito precária. Eu vivia uma época da minha vida em que estava desabrochando... passei a me interessar por cinema e poesia... gostava de escrever... começava a me ligar ao mundo e às culturas francesa e americana... E o kibutz Ein Dorot era, de certa forma, uma vivência oposta à que tínhamos na cidade, onde estávamos em contato constante com cinemas e teatros. Lá na Hachshará, as pessoas estavam muito fechadas e o coletivo, como sempre, mais burro que os indivíduos. Senti que, naquele estilo de vida, eu estava ficando sufocado.(...)

Viver com tudo coletivizado era horrível. (Não faz sentido, tanto que, em Israel, isso já acabou. Antes de se ir para o kibutz, isso tudo era idealizado, chegando lá se quebrava a cara, porque era mesmo horrível). Como eu estava em meu desabrochar intelectual, todo aquele

coletivismo me sufocou demais. Eu queria ter as minhas coisinhas pessoais e fazer certas coisas sem ter de prestar contas a ninguém: por exemplo, nessa época comecei a estudar cinema levei alguns livros (que ficavam comigo, mas “não pertenciam mais a mim”), gostava de ouvir música (mas não “junto com mais vinte pessoas”)... às sextas à noite, quando todos iam dormir, eu ficava até mais tarde para ouvir música sozinho no refeitório junto à biblioteca... e o pessoal me criticava por isso, por ler até tarde, por não escrever no jornal de parede...

E eu estava em um momento de vida em que tinha um ímpeto muito grande. (O recolhimento e a vida no campo são enriquecedores, porque te permitem ver o resto do mundo à distância, avaliar e pensar.) Nesse momento, eu comecei a entender uma série de coisas sobre mim mesmo, porque, até então, eu havia sido endoctrinado, no sentido de empolgado pela idéia, não manipulado, mas empolgado...

Fiquei na Hachshará por uns 6 meses. Minha saída foi suave. Saí porque meu pai precisou viajar e me pediu e ao Dror para que eu ocupasse seu lugar no escritório (...) Recebi esse privilégio de poder sair da Hachshará (o que era raro). Fiquei no escritório do meu pai por mais tempo que o esperado, porque ele assumiu outros compromissos. Nesse meio tempo, aprofundi meus estudos sobre cinema que eu havia iniciado na Hachshará. (...) Percebi que meu negócio era o cinema! (...) Não houve uma carta oficial de ruptura minha com o Movimento. (...) Eu continuei no Rio, minha roupa ficou lá em Ein Dorot (...) Em 1952, eu já era jornalista profissional. [15]

### **oitavo *garin* ou o primeiro para o kibutz Erez (1958-59):**

O nosso *garin*, em especial, foi um *garin* muito forte. No nosso *garin* havia paulistas, cariocas, gaúchos... algumas pessoas muito interessantes. Nós chegamos à Hachshará, que estava em decadência, e a reconstruímos inteira, construímos galinheiros para três mil galinhas, a nossa horta era a maior horta que já houve lá, nós plantamos um pomar de laranjeiras e melhoramos várias outras coisas. Fizemos e acontecemos... não éramos um *garinzinho*. [23]

Na época em que eu estava lá, éramos quase 30 pessoas, bastante gente. (...) Era uma vida de camponês: levantar de manhã, cuidar de galinha, cozinhar, cuidar da horta, dos morangos. Era uma vida agradável. Não que eu me desse bem com a rotina de trabalho. A rotina era uma coisa muito chata, mas era uma coisa que precisava ser feita, era preciso viver, então eu fazia. Não éramos auto-suficientes lá, mas vendíamos algumas coisas como ovos e frutas.

O alojamento era uma construção caipira de quartos com beliches. Dormíamos quatro moças, ou quatro rapazes, em cada quarto. Era um frio! Jundiaí no inverno era um horror... a gente forrava com jornal debaixo do colchão para esquentar um pouquinho. [26]

Eu fui para a Hachshará com 19 anos. Na Hachshará, entre outros cargos eu era responsável pelos programas culturais, estava na diretoria e era também enfermeira.

A enfermaria era um quarto de remédios que não tinham nada a ver com o que eu tinha aprendido [em meio ano de curso de Pronto Socorro] e que recebíamos de graça de entidades variadas, especialmente da Unificada Sionista. Havia um médico de São Paulo que ganhava ordenado da Unificada para cuidar da gente e eu estava em contato com ele. De vez em quando, eu viajava para São Paulo para me encontrar com esse médico e discutir os nossos problemas de saúde. Eu também ia ao Instituto Butantã para trocar os soros contra mordida de cobras, que sempre foram o meu maior medo: “o que eu faria se alguém fosse picado por cobra?”. (...) Nós morávamos à 50 quilômetros de distância de qualquer civilização, no meio do mato. Lá na região, chamavam a nossa Hachshará de Fazenda dos Estudantes, porque a gente tinha um nível cultural muito mais elevado que o dos caboclos. (...) Tivemos, infelizmente, problemas muito sérios na Hachshará para os quais eu tive que dar o pronto-socorro e nós não tínhamos carro e nem telefone, fora havia apenas um ônibus que passava de manhã e um à noite. Se acontecia alguma coisa fora do horário dos ônibus, podíamos, às vezes, usar um caminhão bem velho que nós tínhamos, mas que na maior parte do tempo estava em viagem levando para São Paulo os frangos e as verduras que a gente produzia para vender. Estávamos, portanto, praticamente isolados do



mundo. Até chegarmos ao telefone mais próximo, a gente tinha que andar mais de 5 quilômetros a pé, por uma fazenda, cujos donos, que não viviam lá, nos permitiam usar o telefone em caso de emergência. (No dia em que eu não trabalhava, andava esses quilômetros todos para dar um alô para os meus pais, como também faziam outros amigos e amigas... era também um passeio.) Em caso de emergência ou problema grave, íamos até lá para chamar o médico. Porém, nunca chegou um médico até a Hachshará; o doutor me dava uma orientação e, no dia seguinte de manhã, quando havia ônibus para Jundiaí, o paciente ia nele para receber auxílio profissional. Portanto, o pronto-socorro era de minha responsabilidade. Eu não tinha qualificação para isso, mas tinha muita iniciativa e também muita sorte. Felizmente, consegui me sair bem de vários incidentes que aconteceram... Certo dia, recebemos um trator emprestado do pai de uma de nossas amigas. Um rapaz foi usá-lo e acabou subindo com o trator em cima das colmeias, foi atacado por todas as abelhas... Eu passei a noite inteira ao lado dele, enquanto ele estava em estado de choque. (Hoje ao lembrar disso, eu acho que eu tinha muita coragem. Era coragem somada a uma falta de responsabilidade criminoso o que a gente fazia. Por outro lado, isso nos amadureceu muito, porque não tinha quem fizesse as coisas por nós, então nós mesmos fazíamos.)

Ser enfermeira não era tarefa, era apenas algo extra fora das horas de trabalho. Cada semana nós recebíamos um trabalho diferente. Havia trabalhos que eram obrigatórios. Cada um de nós pertencia a um anaf [ramo produtivo], das abelhas, galinhas ou vacas. Como as abelhas eram um trabalho muito delicado, eu não deixava os rapazes cuidarem das abelhas, os rapazes, por sua vez, não deixavam, nós, as moças cuidarmos das vacas, então o único anaf de que nós participávamos juntos, rapazes e moças, era o do cuidado das galinhas. Como nós tínhamos muitas galinhas, a gente tinha muito trabalho (carregar ração, distribuir a ração...) e nisso a gente se revezava.

Nós tínhamos também o trabalho no campo, que era obrigatório para todo mundo. A gente levantava de manhã bem cedo, ainda quando tinha geada, e com os dedos gelados, a gente tinha que tirar os matinhos dos morangos. (...) Os japoneses achavam um absurdo a gente acordar tão cedo e tirar os matinhos com os dedos gelados dizendo que aquilo não era um trabalho muito produtivo. Mas a gente fazia, porque era uma questão de disciplina, era um treinamento.

Trabalhávamos 12 horas por dia, não porque fosse necessário, mas para nos obrigar a ficar cansados, a sujar as mãos, a aprender o que é trabalho físico.

No campo, nós não tínhamos um processo de irrigação, eram valas de irrigação. O nosso método de irrigação consistia em encher baldes e com eles molhar as plantinhas. Era, é claro, um trabalho muito pesado e a gente se sujava muito, porque a terra era muito fértil, preta e úmida, a gente botava o pé na terra e afundava lá até o joelho. No inverno, a gente tinha que proteger o morango da geada: de noite, a gente acendia latas de gasolina, de querosene, para fazer fumaça afim de esquentar um pouco o ambiente não deixando que os morangos se congelassem. Era gozado. A gente se divertiu muito.

Era muito trabalho, mas a gente tinha muita motivação para fazê-lo. Éramos muito sérios e responsáveis e tentávamos cumprir as tarefas do melhor modo possível.(...) Queríamos criar um elo das pessoas com a terra. Nós aprendemos a amar a terra, a trabalhar a terra, a conhecer as plantas. (O elo primário das pessoas com o país que ela vive é pela terra. E agora que eu vivo aqui [em Israel], às vezes eu ouço um árabe falando sobre a terra, vejo que ele fala sobre a terra dele como se falasse de uma mulher amada, e acho que isso é a coisa mais certa e mais bonita, que tem, porque esse é o verdadeiro amor pela terra. O amor pelo país não é uma coisa no ar, é uma coisa de dia a dia, que você consegue trabalhando.) Nós aprendemos muito a trabalhar com enxada, a revirar a terra, a plantar, a produzir comida para nós mesmos. E tentamos ser auto-suficientes. Quando nós chegamos, na Hachshará, não havia praticamente nada e a comida era péssima. Eu me lembro que meus pais vinham aos domingos. Meu pai ia à feira no sábado, enchia o Chevrolet dele de caixotes de frutas e verduras e trazia tudo para nós. Minha mãe preparava um bolo bem grande e assados de filé, trazia a comida e dizia: "Eu trouxe..." - ela não queria dizer "porque vocês não têm o que comer" e dizia - "porque já que nós vamos ficar aqui, nós não vamos comer a comida de vocês". E meu pai ficava na cozinha fazendo limonada para todo mundo. Então, aquele dia que meus pais estavam na Hachshará era dia de festa. Depois de um tempo, alguns meses, a gente se ajeitou mais no campo com verduras (frutas, nós não tínhamos mesmo, só morangos, que a gente vendia). Nós conseguimos plantar verduras e fomos muito bem sucedidos. Então a gente passou a ter a satisfação de consumir as verduras da nossa plantação e ver que ainda sobrava para vender. E, quando meus pais vinham nos visitar, o rapaz que era o

responsável pelo campo lhes oferecia verduras, porque a gente tinha muito orgulho de finalmente estarmos produzindo e tanto. Era tanta verdura que a gente podia até presentear; a mãe que sempre trazia, agora pode receber também algum presente de nós.

Nas outras tarefas, nós nos revezávamos; a cada semana, a gente fazia um trabalho diferente. Nós, as moças, tínhamos que limpar os banheiros, lavar roupa, passar. Os rapazes não faziam esse tipo de atividade, mas podiam ser ajudantes de cozinha. A cada semana, havia uma cozinheira com um ajudante de cozinha. O ajudante de cozinha tinha que acordar ainda mais cedo para acender o fogo do nosso enorme fogão à lenha. Ai então a gente acordava e fazia chá. O pessoal tomava chá e comia pão com gororoba para depois ir para o trabalho. (A gororoba era simplesmente uma geleia que a gente desfazia na água e cozinava para ficar bem diluída, porque, assim, se comia menos geleia.)

Nós recebíamos um orçamento da Unificada para comprar comida e era com esse dinheiro que a gente tinha que se virar. Se a gente não sabia cozinhar e estragava comida, era aquilo o que se tinha para comer, então, geralmente, a gente comia comida estragada. (...)

As roupas comuns eram divididas por números, 40, 42, 44. Às sextas-feiras, a moça responsável colocava na cama de cada um de nós, uma toalha grande, uma toalha pequena, alguns pares de meia, calça e camisa para o Shabat, calça e camisa para as noites todo dia, e calça e camisa para o trabalho. A gente usava aquela roupa suja de trabalho a semana inteira, suja mesmo, porque, ao trabalhar no campo, invariavelmente a gente se sujava de barro. (...)

Em todas as noites, havia atividades culturais. (...) Na Hachshará, nós éramos muito pobres, muito modestos e a gente não tinha grandes exigências. Nós seguíamos uma orientação muito rígida (...) naquele tempo não podíamos viajar para visitar os pais e tínhamos direito de mandar-lhes apenas um aerograma por mês (carta não, porque sairia mais caro). [22]

## ponto final

O embarque dos *chaverim* para a *aliá* pode ser considerado o ponto final da vida de Movimento juvenil. Ao entrarem no navio, os corações se aceleravam. Um momento acompanhado de emoções muito fortes, num tempo em que viagens tão longas não eram nem tão fáceis nem tão freqüentes. Comumente as lágrimas brotavam, tanto entre os familiares abandonados, quanto entre os *chalutzim* que partiam.. Os pais, eles mesmos imigrantes, ao saírem da Europa e virem ao Brasil, deixaram para trás inúmeros parentes, que, com freqüência, nunca mais tiveram a oportunidade de rever. Ao acenar para seus filhos partindo, orgulhavam-se de sua coragem, mas o *medo ancestral* fazia-os temer pelo seu futuro na inóspita e ameaçada Israel. Os jovens, estes embarcavam com suas dúvidas e esperanças. O navio, pode-se dizer, como se fosse a páscoa judaica flutuante, realizava a travessia entre a juventude e a vida adulta. Esta seria um novo capítulo da existência de cada um, uma tentativa de transformar a terra e o kibutz dos sonhos no país e no kibutz concretos.

---

<sup>1</sup> As observações desse item como um todo foram baseadas principalmente nos seguintes documentos: M. TUDER (1956); S. FRIESEL (1956); *I Kinus Chinuchi*. 1950; *II Kinus Chinuchi*. 1951; "Caminhos e finalidades educativas". *Veidá Ichud*. 1952; *Dror* n.1, nov. 1949; *Páginas para o madrich*. maio 1958; *Páginas para o madrich*. maio 1959.

<sup>2</sup> Poderiam ser instrutores *chaverim* de ambos os sexos, acima de 13 anos e sempre de uma faixa etária superior a de seus educandos.

<sup>3</sup> Por exemplo: os textos de *Páginas para o madrich*. maio 1959 ("Metodologia Educacional", de Nelson BALABAN, *chaver* do *Dror*; "Ambição e angústia da adolescência". Aníbal PONCE, um educador; "Pedagogia"; "Juventude") e os de *Páginas para o madrich*. maio 1958 ("A educação coletiva no kibutz"; "Educação sexual"). Os educadores citados como fonte de leitura e pesquisa eram os *mentores da Escola*

---

nova. As escolhas e adaptações no desenvolvimento da metodologia educacional do Dror, no início da sua formação como movimento, foram da responsabilidade, segundo vários depoimentos, de pessoas como Rifka Auerbach, Helena Corinaldi e Mira Wainfeld.

<sup>4</sup> *ex-chaverim* não se lembram de que os pais chegassem a manifestar dúvida sobre a capacidade dos jovens de cuidar das crianças a eles confiadas mesmo nas ocasiões dos passeios e acampamentos.

<sup>5</sup> exemplos dos argumentos utilizados podem ser encontrados nos capítulos I e II.

<sup>6</sup> E. HOBSBAWM (1998).

<sup>7</sup> Esta idéia de continuidade é questionada e combatida pelo historiador Jaime PINSKY (1997): *Que tipo de idéia nacional pode ter existido na Antigüidade e na Idade Média? Todos os elementos denominados "judeus" cultivaram essa idéia? Nesse caso, o nacionalismo judaico precederia o próprio Estado nacional no continente europeu? Seria aceitável a idéia de um imaginário nacional sem elementos que justificassem sua constituição?* . Outros exemplos que ilustram o "uso da História" aparecem na análise que faço mais adiante sobre os Programas educativos.

<sup>8</sup> *Il Kinus Artzi do Ichud*. 1953.

<sup>9</sup> Paulo SINGER. "Profissionalização: o problema da vocação". *Dapim Lachaver*. Lishiká Mercazit. n.2, 15.08.1950.

<sup>10</sup> vários aspectos da crítica drorista à sociedade burguesa já foram vistos no capítulo II, especialmente nos itens "revolucionários x burgueses" e "igualdade sexual e novas relações familiares". Outros significados que revestem a oposição revolucionário x burguês na ideologia drorista são analisados ao longo desse capítulo III, especialmente nos itens que dizem respeito à "proletarização", à "família" e aos "comportamentos".

<sup>11</sup> *Boletim informativo da kvutzá Berl Katzenelson*. 23.08.1948; A. M. BAUMWOL. "Tzofnut no Dror". *Boletim do snif - Rio* n.4, out. 1948; M. TUDER (1956).

<sup>12</sup> Por exemplo, *Programa de tzofim*. Hanagá Artzit. s.d.; *Tochnit para a schichvá de tzofim*. Ichud Hanoar Hachalutzi - Hanagá Elioná. Israel, jul. 1955.

<sup>13</sup> *Teatro para tzofim*. Hanagá Artzit - Ichud Hanoar Hachalutzi, fev. 1956. *Jogos*. Hanagá Elioná - Ichud Hanoar Hachalutzi. Israel, ago. 1955.

<sup>14</sup> Por exemplo, *Tojnit Leshijvat Hasolelim* 5. Ijud Habonim - Maskirut Olamit. Israel, s.d..

<sup>15</sup> Por exemplo, *Tojnit Leshijvat Habonim* 6b. Ijud Hanoar Hachalutzi - Hanagá Elioná. Israel, s.d..

<sup>16</sup> *Programa de ovdim*. Hanagá Artzi, 1951.

<sup>17</sup> *Aos madrichim de ovdim: magshimim*. set. 1951.

<sup>18</sup> M. TUDER (1956).

<sup>19</sup> Por exemplo, o *Boletim do snif do Rio de Janeiro*, 30 páginas impressas, com desenhos e ilustrações, textos em português e hebraico sobre ideologia, figuras importantes do sionismo socialista e da cultura israelense, artigos sobre assuntos educacionais e políticos, notícias das atividades do Movimento e de Israel, canções e partituras musicais, contos infantis etc..

<sup>20</sup> Para se ter uma idéia do material produzido no Movimento: os boletins das *kvutzot* Berl Katzenelson ou Enzo Sereni, por exemplo, continham aproximadamente 15, 20 páginas mimeografadas com textos e ilustrações de autoria dos próprios *chaverim* destas *kvutzot*, trechos de textos de ideólogos ou de políticos e escritores israelenses, História judaica, opiniões etc.. Traziam artigos ideológicos, comemorativos, relativos à atividade educativa, notícias do Movimento, comentários de livros, textos informativos sobre instituições judaicas, biografias de figuras importantes do sionismo, do judaísmo e da cultura israelense etc.. Duraram até a entrada dos primeiros membros dos grupos em Ein Dorot.

A revista *Dror* era uma publicação bimensal de aproximadamente 40 páginas, impressa e encadernada, com capa ilustrada (por Davi Perlov, por exemplo) em duas cores, viabilizada em grande parte pelos anúncios de lojas e serviços, adesões e propaganda de organizações sionistas (15 páginas) conseguidas entre os simpatizantes do Movimento juvenil na coletividade judaica. Editada pela direção do Movimento, era distribuída internamente e vendida externamente. Trazia textos semelhantes aos dos boletins, mas mais bem elaborados e amplos, textos produzidos pelos próprios *chaverim*, traduções de textos de políticos de Eretz e ideólogos do sionismo socialista, relatos de encontros, comemorações e congressos e seções fixas como "Nosso pensamento" (ideologia do Movimento), "Janela para o mundo" (sobre questões internacionais como a Guerra da Coreia, as siderurgias inglesas ou a crise política em Israel), "Carta a um *chaver*" (orientações sobre a relação dos indivíduos com o Movimento), "Snifim do Movimento" (sobre a situação nas sedes das várias cidades), "Batnuá" (notícias do Movimento nos *snifim*, na direção, na Hachshará, nos *kibutzim* onde havia gente do Dror brasileiro), "Chaverim escrevem" (sobre a experiência no Movimento), "Doutrina" (sobre

ideologia), “Ronda” (sobre política sionista no Brasil). A revista tratava de questões políticas, ideológicas, culturais, históricas; trazia a um público mais amplo resoluções de congressos, fundamentos educativos e posicionamentos ideológicos. A título de curiosidade, o relatório do snif de Belo Horizonte, que estava em péssima situação, à Veidá de 1951 critica a revista Dror: inacessível para alguns e desinteressante para outros. A revista foi publicada por 3 anos e usada por outras “gerações droristas” como material educativo e ideológico pelo menos até o fim da década de 50.

<sup>21</sup> *O judeu, tradicionalmente bom executor de músicas alheias, conseguiu em Eretz criar sua própria arte, produto legítimo e sadio da normalização do povo.* Henry MAU. “Música popular israeli”. *Dror*. n. 5. nov. 1950.

<sup>22</sup> Ver, por exemplo: *Programa de tzofim*. Hanagá Artzit. s.d.; *Tochnit para a schichvá de tzofim*. Ichud Hanoar Hachalutzi - Hanagá Elioná. Israel, julho 1955; *Tojnit Leshijvat Hasolelim* 5. Ijud Habonim - Maskirut Olamit. Israel, s.d.; *Tojnit Leshijvat Habonim* 6b. Ijud Hanoar Hajalutzi - Hanagá Elioná. Israel, s.d..

<sup>23</sup> Com relação a esses assuntos, o programa dava também uma atenção especial à sua relação com os judeus, por exemplo, o que ocorreu com eles na época da *primeira Revolução Russa* ou qual a influência dos judeus nos movimentos de libertação poloneses.

<sup>24</sup> *Tojnit Leshijvat Hasolelim* 5. Ijud Habonim - Maskirut Olamit. Israel, s.d..

<sup>25</sup> É bom notar que, nos anos 50, era bastante incomum se ensinar nas escolas a *escravidão, a rebeldia dos escravos* ou a *conquista da América* nos termos do Movimento. As “novas visões” sobre esses temas têm sido incluídas nos livros didáticos brasileiros só bem recentemente. Nesse sentido, podemos dizer que a educação no Dror era bastante avançada para sua época.

<sup>26</sup> Segunda parte do programa do segundo semestre dos *bonim*, 15-17 anos, *Tojnit Leshijvat Habonim* 6b. Ijud Hanoar Hajalutzi - Hanagá Elioná. Israel, s.d..

<sup>27</sup> Os *snifim* de Belo Horizonte e Recife, por exemplo, pareciam sempre ter problemas.

<sup>28</sup> *Boletim informativo da kvutzá Berl Katzenelson*. 23.08.48; *Dror*. nov. 1950, *I Moatzá Artzit* 1950; *I Veidá Artzit* 1951, *II Kinus Artzi do Ichud* 1953; *III Veidá Artzit* 1959.

<sup>29</sup> para alguns que vivem em kibutz até hoje, certas pessoas que desistiram *não tinham preparo suficiente, e portanto faltava-lhes a força de vontade propiciada pela convicção*, ou seja, a explicação continua a mesma.

<sup>30</sup> Para se ter uma idéia de como era essa revista, mensal, ilustrada, em português, publicada em Jerusalém, e de sua *ação educativa*, basta olhar o conteúdo de algum exemplar. Por exemplo, o número 38, de 1956, ilustrado com desenhos e fotografias traz um editorial que trata dos acontecimentos bélicos recentes, o terrorismo árabe e defende os judeus contra *o povo árabe que se deixa arrastar por dirigentes aventureiros que se dedicam a proezas de baixa espécie*, os contos *Chaim, o sapateiro* (que elogia o trabalho manual), *O menino que fugiu da Maabará* (sobre um garoto de 13 anos que deixa o pai tirano para viver num kibutz), *Dois amigos chamados Dani* (sobre os laços de amizade entre dois garotos judeus de países diferentes), *Nurit, a pescadora do Kineret* (sobre o trabalho de uma jovem pescadora, mostrando a participação feminina e judia num trabalho braçal e *produtivo* que, por sua vez, é compatível com os estudos e a vida familiar e que, além de contribuir para a sobrevivência pessoal, é importante para Israel), as crônicas *Barracas e tribos* (sobre os acampamentos de verão promovidos por movimentos juvenis em Israel: *tudo o que esses rapazes e moças são capazes de fazer quando estão unidos por um sentimento de companheirismo e vivem em contato com a natureza*.) e *A segunda partida de futebol Israel x Rússia*, a descrição histórico geográfica da região de Ashkelon e *Notícias variadas sobre futebol, vacinação, reflorestamento etc. em Israel*.

<sup>31</sup> *Dror*. fev. 1951; *Boletim do snif do Rio de Janeiro*. out. 1948; *Boletim Informativo da Kvutzá Berl Katzenelson*. 03.06.48 e 24.12.50; *Programa do festival folclórico “10 anos de Medinat Israel”*. Teatro Guaíra, Curitiba, 03.08.1958.

<sup>32</sup> Esse tipo de situação ajuda a explicar a grande preocupação do Dror com a formação de grupos, *kivutzot* e *garinim*, coesos.

<sup>33</sup> Hoje em dia as opiniões se dividem entre os que acham que a *profissionalização* foi a *grande bobagem do Movimento juvenil* - porque “*o kibutz não deu certo*”, “*o socialismo não vingou*”, “*o próprio kibutz enviou seus membros para a universidade mais tarde*”, “*diferenças individuais não podem ser anuladas*” - e os que afirmam que, naquele momento histórico, a posição do Dror era “*a mais adequada e coerente*”, pois “*Israel precisava era mesmo de pioneiros e trabalhadores judeus*”.

<sup>34</sup> no capítulo II, “*o que somos?*”, e no início do capítulo III, “*educação nacional*”.

<sup>35</sup> como constatou S. N. EISENSTADT (1977).

<sup>36</sup> *Veidá Atzit*. 1959.

---

<sup>37</sup> depoimento [25], e também [13], [19] e [23].

<sup>38</sup> Os rapazes interrogados na ocasião ficaram com ficha no DOPS, o que foi descoberto anos mais tarde, quando eles ou algum parente tiveram problemas com a ditadura militar.

<sup>39</sup> *II Kinus Artzi do Ichud Hanoar Hachalutzi 1953; Veidá Artzit 1959.*

<sup>40</sup> como resume o sociólogo Michael BRAKE (1985).

<sup>41</sup> ver M. BRAKE (1985) e J. M. PAIS (1993).

<sup>42</sup> como alerta o sociólogo Leopold ROSENMAYR (1972).

<sup>43</sup> ver: Luiza PASSERINI (1994) e Eric MICHAUD (1994). V. GÉRARD (1992) constata com relação ao PCF - Partido Comunista Francês: *a adesão maciça de jovens intelectuais burgueses, logo após a II Guerra Mundial, não raro, acarreta o rompimento com a família.*

<sup>44</sup> J. KATZ (1972).

<sup>45</sup> Melford SPIRO (1969) conta que a influência desse movimento alemão chegou aos jovens judeus do Movimento juvenil que originou o kibutz que estuda - provavelmente o Hashomer Hatzair - através de um grupo de jovens poloneses que teve contato com as idéias do Wandervögel em sua passagem por Viena e ficaram fortemente impressionados com o caráter emancipador destas idéias. E se os movimentos juvenis do início do século na Alemanha e na Inglaterra influenciaram as idéias da época colocando *em primeiro plano a equação entre juventude e valores nacional-patrióticos e, ao mesmo tempo, entre juventude e liberdade de toda a sociedade burguesa e da família*, como afirma Luiza PASSERINI (1994), muito provavelmente os movimentos juvenis judaicos criados pouco tempo depois não estavam imunes a essa influência.

<sup>46</sup> M. SPIRO (1969).

<sup>47</sup> B. BETTELHEIM (1969).

<sup>48</sup> ver Y. TALMON (1978).

<sup>49</sup> ver B. BETTELHEIM (1969) e Y. TALMON (1978).

<sup>50</sup> tal qual é apresentado por Y. TALMON (1978).

<sup>51</sup> alguns "filhos" - *ex-chaverim* entrevistados - manifestaram-se, implícita ou explicitamente, serem eles mesmos, ainda hoje, nos anos 90, contrários aos casamentos mistos, praticamente pelos mesmos temores que tinham seus pais: o fim dos judeus pela assimilação. Henrique RATTNER (1977) levantou motivos semelhantes aos mencionados no meu texto para os pais encaminharem seus filhos para movimentos juvenis já no final da década de 70.

<sup>52</sup> G. ELDER Jr. (1972) confirma que, para o estudo das relações entre os grupos de jovens e o contexto social, além dos fatores *estruturais* (relacionados à posição dos jovens na ordem social e às condições para o surgimento dos grupos juvenis) e dos fatores relativos à *interação* entre os jovens e suas famílias, também deve ser considerado o que ele chama de *comportamento individual* (aquele ligado aos interesses e necessidades particulares).

<sup>53</sup> C. BASSANEZI (1997).

<sup>54</sup> para Karl Mannheim, *grupo etnocêntrico é aquele que avalia todo o indivíduo ou grupo de acordo com os padrões aceitos no seu; os componentes do grupo demonstram cooperação e confiança nas relações intragrupo e hostilidade e suspeita nas intergrupais; a exigência de luta com os de fora reforça a solidariedade interna do grupo.* (K. MANNHEIM. Sociologia sistemática. São Paulo. Pioneira, 1962. citado em J. PINSKY (1971). Esse parece ser o sentimento predominante entre os judeus num tempo em que o *sofrimento do povo e a pátria comum* eram muito recentes.

<sup>55</sup> Salomão SCHNEIDER. "Bonim na encruzilhada". *Dror*. fev. 1951.

<sup>56</sup> em linhas gerais, parece não ter havido problemas de entendimento com relação ao conceito de *hagshamá atzmit* (realização pessoal), entretanto, podemos perceber que ele dá margem à ambigüidade quando pensado em termos práticos:

- a realização pessoal far-se-ia através da dedicação do indivíduo ao coletivo, como uma consequência, quase um prêmio, uma satisfação pessoal, por agir a favor do próximo.

- no kibutz, mesmo dedicando-se ao coletivo, o indivíduo poderia encontrar espaço para também fazer o que gosta e realizar-se pessoalmente (o que nem sempre ocorre na sociedade capitalista). No caso dessa interpretação, no momento de abrir mão de um estilo de vida escolhido e uma profissão desejada, as condições e possibilidades concretas oferecidas pelo kibutz pesam mais na decisão.

<sup>57</sup> Gérard VINCENT (1992), por exemplo, observa o mesmo fenômeno para os militantes comunistas franceses.

<sup>58</sup> O depoimento que colhi da ex-chaverá brasileira do Hashomer Hatzair, que vive em uma cidade em Israel após ter saído do kibutz de seu movimento onde viveu muitos anos, confirma o que dizem os ex-droristas sobre a rigidez do Hashomer em termos de padrões de comportamento, visão de mundo e dogmatismo político.

<sup>59</sup> depoimentos e *Temário para o IV Kinus Artzi*. jul. 1950.

<sup>60</sup> A antropóloga Ruth CARDOSO (1959), estudando associações juvenis de descendentes de imigrantes japoneses na mesma época, constata que, embora a diversidade de condições (origem, história de vida etc.) faça com que os jovens reajam de modo diferente às mesmas situações, o clube juvenil favorece a homogeneização de algumas atitudes e formas de comportamento: neste *não há uma distinção forte* e, *como é uma associação juvenil, é difícil afirmar que exista uma seleção social consciente, uma vez que os jovens ainda não têm definida sua posição na sociedade*. O pesquisador Klaus R. ALLERBECK (1972), interessado nas condições estruturais para o surgimento de movimentos de jovens e de estudantes, explica o *reinado do igualitarismo* entre os estudantes pelo fato de eles estarem no mesmo estado da vida e dedicarem-se a uma atividade não subsumida ao princípio da divisão de trabalho. Podemos concluir: se o *igualitarismo* ocorre em grupos juvenis em que *certas perspectivas de ascensão social estão presentes* (no caso dos japoneses, através do aprimoramento técnico para agricultores ou da aquisição de uma profissão urbana e socialmente valorizada a partir de um curso universitário, no caso dos estudantes vistos por ALLERBECK, através da aquisição de profissões de nível elevado), muito mais provável existir em um movimento como o Dror, em que nem essas perspectivas são alimentadas, pois, pelo contrário, a idéia acalentada é um futuro de igualdade social e proletarização de todos.

<sup>61</sup> M. TUDER (1956).

<sup>62</sup> mais uma vez: essas variações não têm relação direta com o fato de o sujeito ter feito ou não parte da direção do Movimento. Alguns comparam o modo de fazer política interna do Movimento com o do atual PT brasileiro, Partido dos Trabalhadores, e nesse caso, as avaliações também não são unânimes.

<sup>63</sup> M. SPIRO (1969) faz constatações semelhantes sobre a questão do prestígio no kibutz.

<sup>64</sup> *Não havia esse negócio de líder. (...) Era como se todos fossem iguais. Houve meia dúzia de pessoas, uns mais outros menos, que exerceram uma influência maior, mas "líder iluminado" não. (...) e quando alguns davam pinta de líder um pouco mais da conta eram satirizados.* [17]. Não há nada, nem palavras ou indícios, nos outros depoimentos que contradiga esta afirmação.

<sup>65</sup> As citações que se seguem não estão em ordem cronológica, pois procurei privilegiar um certo encadeamento entre os argumentos em detrimento da seqüência histórica das lideranças no Movimento. As citações também não comportam todos os nomes mencionados como líderes ou "heróis" de cada entrevistado, pois o que interessa aqui não é tanto saber quem era considerado líder, quanto por que determinadas pessoas ganhavam tal destaque, nas palavras de *ex-chaverim*.

<sup>66</sup> E. MICHAUD (1996).

<sup>67</sup> L. PASSERINI (1996).

<sup>68</sup> C. BASSANEZI (1992).

<sup>69</sup> R. ELBOIM-DROR (1994).

<sup>70</sup> tanto rapazes quanto garotas eram mandados como *shlichim*, por semanas ou meses, a outras cidades. Eram relativamente bem recebidos e o sucesso da tarefa dependia mais do trabalho de cada um e das condições existentes do que do sexo do enviado como mostram os relatórios apresentados aos congressos e alguns boletins de *kvutzot*.

<sup>71</sup> "Por este vasto mundo". *Querida*. n.97. primeira quinzena de junho 1958.

<sup>72</sup> ver C. BASSANEZI (1996, pp.113-117).

<sup>73</sup> A peça "Casa de Bonecas", de Ibsen, segundo depoimento, chegou a ser usada como material de referência para uma crítica da mulher burguesa. As censuras à futilidade juvenil feminina aparecem, por exemplo, no texto de Helena Corinaldi, "A bachurá e o Movimento". *Dror*. n.5, nov. 1950.

<sup>74</sup> De 1949 a 1951 havia 4 homens e 1 mulher na Maskirut (Secretaria Geral, a direção do Movimento), de 1950 a 1951, 6 homens e 1 mulher.

<sup>75</sup> há quem diga que o costume de os *chaverim* levarem as moças para casa à noite surgiu por uma imposição dos pais que não queriam que andassem sozinhas pelas ruas.

<sup>76</sup> ver em C. BASSANEZI (1992) o capítulo sobre trabalho feminino.

<sup>77</sup> Essa tendência pode ser constatada nos depoimentos de *ex-chaverim* embora existam algumas exceções, como por exemplo, um dos fundadores que ressalta o rigor adotado com relação a não usar gravata - *terminantemente proibido* -, enquanto contemporâneos seus no Dror afirmam apenas que a gravata *não era*

*muito bem vista.*

<sup>78</sup> *Boletim informativo da kvutzá Enzo Sereni*. n.3, 1950.

<sup>79</sup> Com relação à “proibição” de frequentar festas e bailes, há um dado a mais que é o da necessidade de quebrar os laços do *chaver* com a cultura da Diáspora e promover sua transição para a cultura israelense e kibutziana.

<sup>80</sup> A maquiagem não era vista como uma coisa obscena, mas sim de mau gosto, as moças em geral não se pintavam, pelo fato de se considerar que a maquiagem é uma futilidade ou ainda que *proletária não se pinta*.

<sup>81</sup> Também com relação aos padrões de comportamento, o movimento do Hashomer servia como parâmetro de comparação; resultando que, em quase todos os critérios, *nós éramos moderados, o Hashomer era muito pior, pois lá tudo era obrigatório*. No Hashomer não seria permitido usar gravata de modo algum, em nenhuma situação; um militante que fosse visto dançando em um baile seria expulso, assim como uma garota *shomraque* que ousasse usar maquiagem ou meia fina.

<sup>82</sup> sobre esse aspecto da moral dominante, ver o subcapítulo “Liberdade para os homens” em C. BASSANEZI (1996).

<sup>83</sup> H. GRUBER (1987).

<sup>84</sup> H. GRUBER encontrou, em sua documentação de pesquisa, textos e discursos dos líderes da Juventude Trabalhadora Socialista proferidos a multidões de garotos e garotas socialistas sobre sexo, autobiografias de ex-militantes que mencionavam do assunto, estudos sociológicos de época que adentravam à vida privada dos jovens trabalhadores, tornando-se capaz de descrever, em traços nítidos, o ideais partidários (e suas tensões internas) e as práticas sexuais dos trabalhadores, o poder e os limites da ação educativa do partido, as diferenças de concepção entre os níveis mais altos da hierarquia partidária e os funcionários menores em contato direto com os adolescentes. Sem a mesma sorte deste pesquisador em termos de fontes documentais, e consciente de lidar com um grupo juvenil mais informal, menos burocrático que a “juventude de um partido político”, apresento considerações a respeito da sexualidade no Dror com base nos depoimentos obtidos.

<sup>85</sup> conceito de Fred MAHLER (1972): *personalidade moral*: o domínio sempre dinâmico das opções permanentes do indivíduo, consciência e atividade, resultante da memória (síntese dos atos morais passados), da escolha (consciência ética do ato presente) e da antecipação (reflexão seletiva dos atos futuros).

<sup>86</sup> ver H. GRUBER (1987) e E. HOBSBAWM (1977a).

<sup>87</sup> ver em C. BASSANEZI (1996) o item “Informações e educação sexual” do subcapítulo “Sexualidade”.

A questão do homossexualismo não era debatida no Dror.

<sup>88</sup> como havia no movimento sionista (de 1917) estudado por M. SPIRO (1969): “puro em pensamentos, palavras e atos”; na Juventude Trabalhadora Socialista da Áustria nos anos 20 e 30: “constantemente puro em pensamentos, palavras e ações”, dos adolescentes do *Rote Falken* (H. GRUBER 1987); na Juventude Hitlerista: “dar um filho ao Führer”, das jovens do *Bund Deutscher Mädel* (E. MICHAUD 1996).

<sup>89</sup> ver C. BASSANEZI (1992).

<sup>90</sup> ver C. BASSANEZI (1992), (1996) sobre “moça de família”.

<sup>91</sup> ver C. BASSANEZI (1992), (1996) sobre “rapaz aproveitador”.

<sup>92</sup> C. BASSANEZI (1992), (1996).

<sup>93</sup> todos os entrevistados se lembram delas e dizem tê-las ouvido em casa, nas ruas e nas escolas.

<sup>94</sup> “amizade” em hebraico também é “namoro”, esse depoimento foi colhido em Israel.

<sup>95</sup> A sexualidade dos *chaverim*, em termos de manifestações práticas, era de fato diferente da de seus contemporâneos da mesma idade que não estavam no Dror? Isso só pode ser respondido seriamente a partir de um exaustivo trabalho comparativo com pesquisas sobre como era a sexualidade dos jovens de classe média no Brasil nos anos 40 e 50, que ainda estão por ser feitas. O que se sabe sobre as relações homem-mulher no Brasil nesta época está relacionado à moral de gênero dominante (e à dedução da possibilidade de os jovens terem começado a questioná-la, porém não há pesquisas abrangentes sobre o alcance de sua rebeldia) - ver C. BASSANEZI (1992), (1996), (1997) - é com esta moral, conhecida pelos *chaverim*, que se pode comparar os valores do Movimento. Sobre como agiam os *outros* jovens ou qual o grau de liberdade em sua conduta sexual que as pessoas concretas entrevistadas teriam se não fossem do Dror, é preferível, no atual estágio das pesquisas sobre a época, deixar que os próprios contemporâneos falem:

*Não acredito que o relacionamento entre rapazes e moças no Movimento fosse diferente do que ocorria com os outros jovens: eu tinha colegas góim na escola que pulavam a cerca para ir em namorar e*

algumas engravidaram durante o curso. [4]

A experiência dos jovens do Movimento era bem diferente das dos jovens de fora. Nós tínhamos, por exemplo, indivíduos que não eram oficialmente casados, mas viviam juntos. [7]

Eu não tinha muito contato com garotas de fora do Movimento, mas eu acho que nesses termos [de sexualidade] não havia muita diferença, as nossas defendiam um outro mundo, mas, na prática, eu acho que acabava ficando igual. Por outro lado, em que outro lugar uma menina chegaria para mim e diria: “- Você não deveria ter transado. Você deveria ter esperado. Eu também não estou esperando encontrar o meu amor?”... começando uma discussão? Não acontecia isso fora do Movimento. A diferença é que no Movimento havia possibilidades de, pelo menos, falarmos sobre o assunto abertamente. [31]

É difícil responder o que eu teria feito se não tivesse entrado no Movimento. Ainda continuo muito marxista em algumas coisas e acredito nas determinações do meio, mas hoje acredito que a personalidade também tem muito poder. Eu teria achado uma outra expressão para minhas ansiedades... (...) não creio que por ter encontrado o Movimento eu [tenha feito uma escolha de estilo de vida diferente]. [12]

<sup>96</sup> E. HOBSBAWM (1969a) constatou, com relação a movimentos que desafiam a estrutura de classes dominante: há uma afinidade persistente entre revolução e puritanismo. Penso que nenhum movimento ou regime revolucionário bem estabelecido não tenha desenvolvido marcadas tendências puritanas. (...) Dificilmente pode ser negado que as grandes revoluções de nosso século não estiveram devotadas à permissividade sexual. Elas avançaram na liberdade sexual (e fundamentalmente) não abolindo proibições sexuais, mas pelo maior ato de emancipação social: a liberação das mulheres de sua opressão. E que os movimentos revolucionários consideraram o libertarianismo pessoal um incômodo também está fora de questão. O historiador diz não saber explicar bem por que isso ocorre.

<sup>97</sup> palavras de G. VINCENT (1992) empregadas com relação aos comunistas na França e que, no caso, se aplicam também aos droristas no Brasil.

<sup>98</sup> H. SAZAN (1956).

<sup>99</sup> entre os entrevistados que continuaram participando do Dror com mais de 17 anos, encontrei tanto homens como mulheres que disseram ter tido relações sexuais com um ou mais companheiros do Movimento.

<sup>100</sup> Houve muitos casamentos entre os *chaverim*. Se os casamentos são freqüentes entre militantes (G. VINCENT 1992), o que não dizer de militantes que pretendem sair do país em que vivem para morar em outro?

<sup>101</sup> “Idéias, trabalho e realização”. *Dror*. n.5. nov. 1950.

<sup>102</sup> Paulo SINGER. “Profissionalização: o problema da vocação”. *Dapim Lachaver* n.2, 15.08.50.

<sup>103</sup> “A relação entre indivíduo e Movimento”. *Dror*. n.5, 1950; M. TUDER (1956).

<sup>104</sup> *chevrá*, na definição de M. SPIRO (1969), significa grupo caracterizado pela intimidade de interação e preocupação mútua.

<sup>105</sup> Vários dos que saíram do Movimento acabaram incorporando-se, na mesma época, a movimentos estudantis, grupos socialistas ou entidades judaicas no Brasil.

<sup>106</sup> Para alguns, a bagagem adquirida no Movimento foi um impulso importante nas carreiras adotadas tempos depois do rompimento com o Dror, dado à *riqueza intelectual*, ao treino de liderança, à vivência de situações que exigiram o desenvolvimento de uma maturidade *precoce*. Outros, entretanto, afirmam que sentiram tal bagagem como um entrave, com suas *ingenuidades e preconceitos*, que teve de ser removido para que se pudesse valorizar certos atributos e posições necessários aos caminhos profissionais que escolheram.

<sup>107</sup> quem discordou radicalmente da proposta educativa kibutziana para o seu filho acabou saindo do kibutz.

<sup>108</sup> Moshe REINHOLD. “La educacion sionista en las Organizaciones juveniles de la Diáspora”. *Cuadernos para el jalutz* 2. Jerusalém. Depto. de la juventud y del jalutz de la OSM. set. 1955.

<sup>109</sup> ver S. N. EISENSTADT (1977).

<sup>110</sup> Walter REHFELD. “Construção de colônias estratégicas em Israel”. *Dror*. n.6, fev. 1951.

<sup>111</sup> HANAGÁ ARTZIT. *Boletim Informativo do Ichud Hanoar Hachalutzi*. n.8.19.11.1955.

<sup>112</sup> *Temário para o IV Kinus Artzi*. jul. 1950.

<sup>113</sup> Américo PLUT. “Hachshará”. *Boletim Informativo da Kivutzá Berl Katzenelson*. 23.08.1948.

<sup>114</sup> S. FRIESEL (1956); *Temário para o IV Kinus Artzi*. jul. 1950; *Relatório de Ein Dorot à I Veidá Artzi*. jul. 1951; depoimentos.

<sup>115</sup> *Dror*. n., 06.1950 e 11.1950; Efrain BARIACH. “Problemas de garin e hachshará”. *Dapim Lachaver*. 15.08.1950.

<sup>116</sup> E. BARIACH. (15.08.1950).



---

<sup>117</sup> Estatutos do Kibutz Hachshará Ein Dorot. *Temário para o IV Kinus Artzi*. jul. 1950.

<sup>118</sup> *Relatório de Ein Dorot à I Veidá Artzi*. 07.1951.

<sup>119</sup> Para estas, os indivíduos devidamente imbuídos do ideal pioneiro saberiam encarar e resolver tais problemas tendo em vista a compreensão das necessidades do coletivo. (E. BARIACH. 15.08.1950; *Relatório de Ein Dorot à I Veidá Artzi*. 07.1951).

<sup>120</sup> S. FRIESEL (1956).

<sup>121</sup> *Relatório de Ein Dorot à I Veidá Artzi*. 07.1951.

<sup>122</sup> S. FRIESEL (1956).

<sup>123</sup> S. FRIESEL (1956); *Relatório de Ein Dorot à I Veidá Artzi*. 07.1951; depoimentos.